



**CAMINHAR COM FONES DE OUVIDO:
PERCURSOS DO COLETIVO TEATRO DODECAFÔNICO NA CRIAÇÃO
DE *AUDIOTOURS***

**CAMINANDO CON AURICULARES:
TRAYECTORIAS DEL COLETIVO TEATRO
DODECAFÔNICO EN LA CREACIÓN DE *AUDIOTOURS***

**WALKING WITH HEADPHONES:
PATHS OF THE COLETIVO TEATRO DODECAFÔNICO IN THE CREATION
OF *AUDIOTOURS***

Beatriz Cruz¹

<https://orcid.org/0009-0005-6283-6019>

Paulina Maria Caon²

<https://orcid.org/0000-0003-3317-3496>

Verônica Veloso³

<https://orcid.org/0000-0003-0156-8872>

RESUMO

Nosso texto busca rastrear a trajetória do Coletivo Teatro Dodecafônico em sua aproximação, modos de produção e de compartilhamento de procedimentos de criação de *audiotours* ao longo dos últimos doze anos. Essa trajetória envolveu estudos teórico-práticos, que, com o tempo, extrapolaram as experimentações internas do Coletivo, desdobrando-se em produções que compuseram encenações performativas e na produção de *audiotours* como propostas artísticas autônomas. A sistematização desses modos de produção em nosso percurso se dá em situações de residências artísticas e oficinas com diferentes públicos, funcionando, simultaneamente, como mediação cultural para os participantes e como processos de criação compartilhados para o Coletivo.

¹ Performer e pós-graduada em Técnica Klaus Vianna pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Integrante do Coletivo Teatro Dodecafônico.

² Professora do Curso de Teatro e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes do IARTE-UFU. Integrante do Coletivo Teatro Dodecafônico.

³ Professora do curso de Artes Cênicas e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP. Vice líder do Grupo de Pesquisa em Pedagogia das Artes Cênicas (GPPAC). Integrante do Coletivo Teatro Dodecafônico.

Palavras-chave: *audiotour*, caminhar como prática estética, mediação cultural, procedimento de criação, Coletivo Teatro Dodecafônico.

RESUMEN

Nuestro texto busca presentar la trayectoria del Colectivo Teatro Dodecafónico en su aproximación, modos de producción e intercambio de procedimientos de creación de audiotours a lo largo de los últimos doce años. Esa trayectoria involucró estudios teórico-prácticos que, con el tiempo, trascendieron las experimentaciones internas del Colectivo, desdoblándose en producciones que conformaron obras de teatro performativo y en la producción de audiotours como propuestas artísticas autónomas. La sistematización de estos modos de producción en nuestro recorrido se realiza en situaciones de residencias artísticas y talleres con diferentes públicos, funcionando, simultáneamente, como mediación cultural para los participantes y como procesos de creación compartida para el Colectivo.

Palabras Clave: audiotour, caminar como práctica estética, mediación cultural, procedimientos de creación, Coletivo Teatro Dodecafônico

ABSTRACT

Our text aims to trace the trajectory of the Coletivo Teatro Dodecafônico in its approach, modes of production, and sharing of creative procedures for audiotours over the past twelve years. This journey involved theoretical and practical studies that, over time, went beyond the Collective's internal experiments, resulting in productions that formed theatrical performances and in the creation of audiotours as autonomous artistic proposals. The systematization of these production methods throughout our process occurs in artistic residencies and workshops with different audiences, functioning simultaneously as cultural mediation for the participants and as creative processes for the Collective.

Keywords: audiotour, walking as an aesthetic practice, cultural mediation, creative procedure, Coletivo Teatro Dodecafônico.

Breve percurso do encontro do Dodecafônico com os *audiotours*: o termo e a investigação dessa modalidade artística

O Coletivo Teatro Dodecafônico⁴ nasce em 2008 e, desde então, se organiza pelo agrupamento de artistas pesquisadoras de diferentes campos artísticos, como o teatro, a dança, a música, as artes visuais, na investigação de procedimentos criativos da contemporaneidade e sua potência na

⁴ Ao longo do texto, para facilitar o fluxo da escrita e da leitura, em alguns momentos nos referimos ao Coletivo Teatro Dodecafônico de modo abreviado como “Coletivo” ou “Dodecafônico”. Para mais informações sobre o coletivo, acessar o site: <https://coletivoteatrododecafonico.com/>.

construção de sentidos acerca da sociedade atual. Ao longo dos anos, o Coletivo Teatro Dodecafônico tem se interessado especialmente pelos modos de existência das mulheres na sociedade contemporânea, bem como pelos modos de habitar e ressignificar o ambiente urbano.

Os *audiotours*, como modalidade artística presente na cena contemporânea, nos interessam desde a década de 2010, tendo ocupado nossas investigações de diferentes maneiras. De modo bastante simples, temos considerado os *audiotours* como percursos guiados por faixas sonoras, que têm sido investigados por artistas e teóricos do campo das artes em suas diferentes nuances - desde os estudos da percepção sonora desenvolvidos por Michel Chion e retomados por Anyssa Kapelusz (2013), passando pelas análises das criações da pioneira na área Janet Cardiff, desenvolvidas por Walter Moser, Olivier Asselin e Marie Fraser (Féral e Perrot, 2013) até os estudos de Anne Gonon sobre a criação musical e sonora no espaço público (2016) e o livro de Karen O'Rourke, sobre caminhar e mapear artistas cartógrafos (2013). Em 2021, uma dissertação de mestrado foi defendida na ECA-USP por Renato Navarro Martins (2021), na qual o autor analisa alguns experimentos de *audiotours*, a partir de experiências imersivas de escuta. Sem a intenção de realizar uma cartografia ampla sobre as criações nessa modalidade artística pouco estudada no Brasil, é curioso notar que muitos são os termos usados para nomear tal prática, além de *audiotour*: percursos ou peças sonoras, áudio guia, *audiowalk*, *walking pieces* e teatro sonoro em deambulação. Diante de tantas denominações, observam-se tentativas de dar nome a uma modalidade em franca elaboração e ainda em fase de experimentação.

Para Walter Moser, trata-se de um novo gênero dentro da categoria *artmotion*, na qual há um engajamento corporal do espectador em um espaço/tempo real, sem que nenhuma situação seja construída visivelmente para ser observada. Ou seja, não há o que ser assistido, os dispositivos colocados em jogo – a mobilidade e a faixa sonora – operam na atitude e no olhar de quem experimenta tais percursos sonoros. Moser chama atenção para o fato de que tais criações artísticas se inscrevem em um mundo igualmente móvel. Elas adotam a mobilidade de seu entorno, sem, no entanto, constituir-se como simples reproduções miméticas do mundo.

A produção de Janet Cardiff inspirou o Dodecafônico nesse campo, bem como as reflexões de Olivier Asselin, segundo as quais os passeios de Cardiff são romance e cinema no espaço real, foram uma importante constatação para nossa investigação. Tal abordagem foi retomada por Verônica Veloso em sua tese de doutorado (publicada em 2021), ao afirmar que um *audiotour* pode ser considerado cinema para os ouvidos. Em seus estudos, propõe duas categorias para tal modalidade, que percorrem um arco entre o ficcional e o contextual; assim analisando composições mais sedimentadas na proposição de uma situação ficcional ou no diálogo direto com o espaço no qual o ouvinte se encontrará no ato da recepção da obra. Nesse último caso, as criações podem ser *site specific* ou não, na medida em que se reportam de modo mais ou menos genérico a determinado espaço-tempo.

A interface entre as artes da cena e o cinema, contudo, têm um percurso próprio na história do Coletivo Teatro Dodecafônico. Verônica Veloso investiga algumas dessas relações durante seu mestrado (2009), reunindo e elaborando uma coleção de procedimentos de criação que pautaram e ainda pautam experimentações do Coletivo, seja nas salas de ensaio, seja no ambiente urbano. Por meio da escolha de pontos de vista (posição da câmera e/ou do público) e de enquadramentos espaciais nos quais se posicionam corpos e/ou ações corporais, desde seus primórdios, a composição de imagens no Coletivo tem esse atravessamento cinematográfico.

Dando continuidade a essas interfaces entre as artes cênicas e o cinema, entre 2012 e 2013, o Coletivo se volta para a investigação do som no processo de criação de *¡SALTA!*, através do estudo da filmografia de Lucrecia Martel. Ademais do estudo e composição de cenas da peça utilizando procedimentos como a escala de planos, os ângulos do enquadramento e a dissociação entre a faixa sonora e a faixa de imagem, é nesse trabalho que experimentamos pela primeira vez a produção de faixas sonoras a serem escutadas pelo público com fones de ouvido no deck do SESC Santo Amaro.

Nessa ocasião, os *audiotours* produzidos pelo Dodecafônico consistem em cinco faixas sonoras distintas que convidam os espectadores a seguirem com o olhar e, ocasionalmente, a se aproximarem fisicamente de pessoas do elenco, que se deslocam pelo espaço e depois os conduzem até a sala de espetáculo. Cada áudio se refere a uma das quatro atrizes ou ao ator que participam da encenação, fazendo menção a uma versão da história contada dentro do teatro, cujo enredo não desvende necessariamente as pontas soltas apresentadas nos diferentes áudios. Assim, cada grupo de espectadores lida com informações extras sobre um dos personagens que podem ser retomadas em sua leitura das cenas subsequentes. Tal efeito faz com que os espectadores cheguem a conclusões diversas sobre a história contada, operando, eles também, como co-autores da peça. Não raro, encontramos espectadores ao final da peça debatendo o enredo e apresentando informações das quais os outros não dispõem. O uso dos *audiotours* na cena inicial de *¡SALTA!* se configura como uma estética do fragmento, um modo de contar uma história a partir de pontos de vista distintos, assim como acontece na vida cotidiana. Ninguém tem domínio sobre a totalidade de um acontecimento, nossa percepção dos fatos é sempre parcial, cheia de lacunas, pois não sabemos tudo o que foi dito ou ouvido.

Após a estreia de *¡SALTA!* é que Verônica Veloso e Paulina Maria Caon se encontram com o trabalho *Remote X* do coletivo Rimini Protokoll, em 2013, durante o Festival de Avignon, na França. Em seguida, temos a oportunidade de rever o trabalho em outras duas ocasiões: em São Paulo (2014) e em Paris (2015). Trata-se de uma criação que coloca a cidade como protagonista, pois o texto se configura como uma dissertação sobre aspectos identificados nessas cidades em confronto com a mecanização da vida corrente, e não como uma narrativa ficcional. Por mais que os artistas do Rimini Protokoll se valham de elementos ficcionais, os áudios são mais abertos e socializáveis com os

espectadores, que por sua vez são deliberadamente convidados a construir suas próprias narrativas. Os artistas convocam cada participante a fabular a respeito desse ou daquele passante, ou imaginar algo a respeito de outro espectador. Em alguma medida, uma pessoa se torna espectadora da outra, assim como a cidade e o acontecimento cênico também se assistem mutuamente. Há uma subversão dos estatutos da cena, uma vez que o espectador se coloca também como criador e jogador, pois é seu corpo que dá a partida ao acontecimento cênico, como se fosse ele o responsável por apertar o *play* da ação cênica.

Quem observa essa criação na condição de passante percebe um grupo de pessoas caminhando simultaneamente, usando fones de ouvidos e conectado a um “comando comum” dado pela faixa sonora. Trata-se de uma modalidade artística que dispõe de dispositivos da cultura urbana - como os próprios fones de ouvidos e, dependendo do tempo histórico da criação, de um *discman*, de um *mp3* ou de transmissores de ondas radiofônicas, como ocorre em *Remote X*. O bando de pessoas munidas de fones de ouvido deslocando-se pela cidade está sendo constantemente convocado a observar a teatralidade da própria cidade, quando não se constitui ele mesmo (o grupo) como o acontecimento cênico a ser observado pelos demais passantes da cidade, como afirmamos há pouco.

A matéria sonora, as técnicas de gravação e de transmissão de áudio desempenham um papel pelo menos tão importante quanto o visual, mas levanta questionamentos específicos. O porte do fone de ouvido engendra um paradoxo evidente: enquanto a escuta teatral é tradicionalmente coletiva - o público aparece como o “grande ressonador” no fenômeno de co-presença cena-sala -, os fones geram uma experiência privada, que fecha o ouvinte em si mesmo e o isola dos seus semelhantes, provocando de fato uma dissolução do coletivo formado pela sala (KAPELUSZ, 2013, p. 125)⁵.

O que se observa aqui não é apenas a dissolução do coletivo formado pela sala, mas a composição de uma outra coletividade, estabelecida pelo uso de um dispositivo comum. No caso do *Rimini*, o espectador é o sujeito da experiência e embora ele ouça a faixa sonora separadamente do outro que caminha ao seu lado, essa condição não o separa definitivamente desse outro. Isso ocorre, pois o tempo todo a voz condutora convida o espectador a refletir sobre uma cidade igualmente habitada e a explorar ações que não são individuais e, portanto, não excluem o coletivo. Como se trata de um ajuntamento casual de pessoas, aos olhos da cidade (ou seja, dos passantes) o que se vê é uma coralidade espectadora, um conjunto de pessoas das mais diversas procedências, reagindo aos mesmos estímulos, de maneira extremamente particular.

A experiência do *audiotour* proposto pelo Rimini Protokoll, percorrendo cidades, se articulou às investigações artísticas sobre o caminhar no ambiente urbano que estávamos iniciando, desde o

⁵ *La matière sonore, les techniques d'enregistrement et de diffusion audio jouent un rôle au moins aussi important que le visuel, mais soulève des questionnements spécifiques. Le port du casque audio engendre un paradoxe évident : alors que l'écoute théâtrale est traditionnellement collective – le public apparaît comme le ‘grand résonateur’ dans le phénomène de co-présence scène-salle -, les écouteurs génèrent une expérience privée, qui renferme l'auditeur sur lui-même et l'isole de ses semblables, provoquant de facto une dissolution du collectif formé par la salle* (tradução Verônica Veloso).

contato com o livro *Walkscapes* - o caminhar como prática estética, de Francesco Careri (2013). A partir dessa referência, vínhamos experimentando especialmente realizar derivas pelo ambiente urbano de São Paulo e de algumas outras cidades em que integrantes do Coletivo viviam ou passavam períodos, na realização de suas pesquisas acadêmicas.

Se em *¡SALTA!* investigamos a produção de faixas sonoras ficcionais e centradas nas figuras dos atores; em 2015, elaboramos o *audiotour Procedimentos para deslocar-se na multidão*, citando de modo indireto as análises de Walter Benjamin acerca do *flâneur* e do “homem na multidão”, em referência ao conto de Edgar Allan Poe. Este *audiotour* se propõe a guiar o percurso de qualquer pessoa num ambiente urbano populoso ou numa metrópole, sem a utilização de uma narrativa ficcional e, ainda, sem estabelecer previamente o local de realização do percurso. Dessa forma, esse *audiotour* pode ser experimentado em qualquer local ou cidade onde há multidões. Ao invés de se falar em *site specific*, o que esse *audiotour* pressupõe é a existência de um *time specific*, pois ele deve ser realizado necessariamente na hora do *rush*, quando em diferentes localidades pessoas se aglomeram.

Após essa contextualização, que revela o modo pelo qual o Dodecafônico se aproxima de tal modalidade artística, o presente texto se divide em três partes. Na primeira delas, apresentamos o processo de criação de quatro *audiotours* que simboliza um mergulho do Coletivo nessa modalidade, situação na qual começa a se desenhar uma metodologia de criação própria. Na segunda parte, experiências de oficinas de criação de *audiotour* são apresentadas, reforçando a vocação pedagógica desse coletivo que articula sistematicamente sua criação com processos de ensino e aprendizagem. Na terceira, apresentamos nossa mais recente incursão por criações nessa modalidade, quando produzimos faixas sonoras para a cena final da encenação *Eu amo Chris - uma pequena coleção de fracassos*, que estreou no SESC Pompeia em 2023. Após esses três momentos, nos quais não será possível abarcar todas as experiências com *audiotour* vivenciadas pelo Dodecafônico, apresentamos algumas considerações finais desse campo de investigação potente, constantemente estimulado pelos avanços tecnológicos e pela experiência de percorrer a cidade a pé.

Mergulho investigativo para a composição de *audiotours* - a descoberta de uma metodologia

O Centro Cultural São Paulo tem a estrutura de uma rua, possível de ser atravessada e experimentada, como lugar de passagem ou lugar de paisagem. (...) Onde você se posicionaria, interferindo nesse espaço e compondo a paisagem? Que visões você tem, que facetas da cidade podem ser visíveis de suas diferentes plataformas? (Trecho do argumento do *audiotour* Paisagem Passagem)

O prédio do centro cultural é um buraco, uma fresta, uma fenda na cidade. Seus espaços propõem gritos e rupturas. (...) O que é visível e invisível nesta arquitetura? O que isso modifica nos corpos que ocupam esse espaço e no fluxo das pessoas? Esta arquitetura pode ser chamada de feminista? (Trecho do argumento do *audiotour* Arquitetura Feminista)

Ocupar o espaço da biblioteca (...) Observar as mesas e as pessoas estudando de cima para baixo, como uma câmera que observa em *plongée*. Os corpos sentados rezam, cometem crimes, dançam em suas posições silenciosas ou trepam com as estantes? Percorrer os corredores da biblioteca (...) Escolher títulos que saltem aos seus olhos, interferir nesse espaço com o corpo, desenhar corpos sentados, deitar-se tranquilamente entre livros. (Trecho do argumento do *audiotour* Biblioteca Para Caminhar)

Chegar às bordas, ver e ouvir o que está de um lado e de outro. Onde há entradas? Onde há saídas? Permanecer nas bordas. (...) O que pode estar ou o que se pode fazer no CCSP? O que isso tem a ver com o mundo da arte, as políticas culturais e com o projeto político de um centro cultural? (Trecho do argumento do *audiotour* Limites Entre o Visível e o Invisível)

Em 2017, iniciamos o Projeto Deslocamentos Sonoros, no qual conseguimos aprofundar a pesquisa com os *audiotours* e ao mesmo tempo desenvolver uma metodologia coletiva de criação nessa linguagem. Durante 8 meses ocupamos artisticamente os espaços e acervos do Centro Cultural São Paulo - CCSP⁶, por meio do edital Mediação em Arte e Cidadania Cultural. Neste período propusemos experiências de deriva a diferentes públicos, acompanhadas de ateliês de criação plástica e sonora, imersões nos acervos e ocupações nessa arquitetura. Este trabalho culmina na criação de quatro *audiotours*⁷ que conduzem o público por diferentes trajetos no Centro Cultural. Trata-se de um espaço plano, com um caráter urbano latente, que ocupa quase um quarteirão no centro expandido de São Paulo. O objetivo do Projeto foi transpor as práticas de deriva investigadas pelo Coletivo na cidade para o Centro Cultural, propondo que seus corredores, rampas, jardins, biblioteca fossem percorridos de maneira experimental.

Cada peça sonora tem um elemento de investigação ou ideia-força como propulsora do percurso e propõe uma série de ações e reflexões, desenvolvidas a partir das pesquisas do Coletivo nos acervos e durante as experiências de deriva no espaço. Arquitetura Feminista, Paisagem-Passagem, Biblioteca para caminhar e Limites: entre o sensível e o político eram os títulos das peças sonoras, que propõem uma narrativa contextual e sintetizam a ideia-força levada a cabo na investigação de cada peça sonora. Entender as características contextuais dos *audiotours* foi um passo importante para nomear um modo de criação específico que o Dodecafônico vinha desenvolvendo, buscando tecer uma narrativa para um conjunto de circunstâncias de um determinado espaço ou percurso. Dessa forma, podemos considerar que tais *audiotours* se configuram como criações em *site specific*, pois não faria sentido escutar esses áudios fora do edifício do CCSP. Nessa investigação, quem ouve as peças se relaciona com os dados concretos do espaço - como arquitetura, história, objetos, fluxos, modos de usar - e as ações propostas, as perguntas, as sonoridades agregadas na edição. Essas diferentes camadas

⁶ Importante centro cultural da cidade de São Paulo, criado em 1982. Durante o projeto, o Coletivo realizou um trabalho de mediação que compreendia o espaço físico do CCSP (jardim suspenso, áreas de convivência, horta urbana, espaço expositivo) e entradas e saídas; seus acervos permanentes: discoteca, hemeroteca e biblioteca, bem como o acervo de multimeios, a folhetaria e a rádio.

⁷ As quatro peças sonoras podem ser ouvidas em: <https://coletivoteatrododecafonico.com/deslocamentosonoros.html>

presentes na faixa sonora e na interação com quem a ouve são os fios da tessitura da narrativa de cada *audiotour*.

O processo de criação desses áudios foi determinante para sistematizar certo modo de fazer do Dodecafônico, que une mediação cultural e ações formativas. A primeira ação do trabalho consiste em uma espécie de mapeamento inicial, a partir de visitas, conversas com coordenadores, arquivistas, pesquisadores, consulta de materiais, livros e acervos propriamente ditos. A partir daí, preparamos dez atividades públicas intituladas Derivas Abertas, com duração de 3 a 4 horas, nas quais qualquer pessoa poderia se inscrever para participar. As derivas são organizadas em programas de ação a partir de instruções que propõem novas maneiras de conhecer, habitar o espaço e explorar os acervos, inclusive fazendo referência a ações performativas de outros grupos e artistas, que se deram em outros tempos e que fazem parte da história do Centro Cultural.

Em nossa trajetória, a noção de programa de ação ou programa performativo vem da performer e professora carioca Eleonora Fabião. Para ela, o programa nada mais é do que enunciado da performance (ou ação), isto é, “um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio” (Fabião, 2013, p.4). No caso dos programas de deriva dodecafônicos no CCSP, cada um parte de uma ideia-força, um olhar específico inspirado por algum local ou material de acervo. As instruções propõem um estímulo inicial, ou uma série de estímulos sequenciais, regrados pelo tempo, possibilitando que cada derivante crie seu próprio caminho e relações com o espaço. Na sequência, compartilhamos partes dos programas que foram propostos para o desenvolvimento das ideias-força⁸ ou elementos de investigação em cada um dos percursos explorados.

⁸ Ideias-força são ideias que impulsionam a criação e que de algum modo sintetizam os aspectos desenvolvidos na criação desses *audiotours*.



Imagem de público ouvindo *audioguide* no CCSP, em 2018. Foto: Thiago Lima.

Na primeira Deriva Aberta, intitulada *Prólogo para o jardim*⁹, os cheiros e sensações do jardim e da horta são vivenciados pelo corpo dos participantes para além do sentido da visão, comumente usado e super estimulado em nossa sociedade. No programa *Desvios do discurso*, o coletivo se inspira no trabalho de intervenções efêmeras do grupo Poro (MG), encontrado em um livro que é parte do acervo da biblioteca. Os participantes são convidados a percorrer os espaços da biblioteca, flunar pelos corredores e mesas, andar livremente e ver quem estava ali e o que fazia. Ainda faz parte desse programa, observar objetos, cores, formas e intervir com letras de papel em lugares desejados, escrevendo palavras e ideias. Na deriva *Dentro e fora*, a ideia é achar todas as entradas e saídas do CCSP, suas possibilidades de ações e memórias que delas ecoam em cada participante. Na deriva *O que está dentro fica, o que está fora se expande*, inspirada do trabalho do grupo paulistano 3nós3 - que tem várias obras no acervo do Centro Cultural -, a proposta é jogar com lugares bloqueados, tentando entender o que está permitido e o que está proibido em uma instituição cultural.

O conjunto de dez programas de deriva é determinante para impulsionar e organizar a relação com os espaços e acervos do centro cultural. Ao mesmo tempo, aponta caminhos para a construção dos *audioguides*, na medida em que alguns de seus roteiros resgatam instruções ou dialogam com o campo poético proposto por alguns programas. Ao final das derivas, os participantes realizam uma escrita automática, prática cotidiana do Coletivo ao realizar experiências de caminhada. Em seu livro *Elogio aos Errantes*, a professora e pesquisadora Paola Berenstein Jaques apresenta o uso desse procedimento

⁹ Título inspirado em projeto de Dança em *Site Specific* realizado por Natalia Fernandes, no CCSP.

por diversos artistas ligados às errâncias urbanas descrevendo, a partir de textos de Flávio de Carvalho, como sendo uma forma de escritura tipicamente surrealista que preconizava “a livre associação de ideias como forma textual” (JACQUES, 2012, p.112). Além disso, alguns programas ainda preveem propostas plásticas ou visuais de registro, realizadas no espaço da Folhetaria, ou propostas sonoras, realizadas na rádio do CCSP. Nesta última, o grupo de participantes faz uma experimentação de leitura e jogo com as escritas automáticas emergentes das derivas, que é gravada na rádio do CCSP. Assim, essas práticas proporcionam tanto o contato dos participantes com os espaços abertos ao público do CCSP, quanto geram materialidades sonoras para a composição dos áudios.

As Derivas Abertas são realizadas ao longo de três meses, período em que o Coletivo, além destes encontros abertos, realiza semanalmente mais um dia de trabalho *in loco*, nos quais a pesquisa continua, os materiais produzidos são organizados e as experiências são gradativamente processadas. Dessas propostas de registro feitas a todas as pessoas participantes, incluindo a nós mesmas, integrantes do Coletivo, resultam as escritas automáticas produzidas após a realização de todos os programas, criações plásticas como cartografias, mapas, colagens e desenhos de observação de diferentes espaços e de corpos em interação com a arquitetura, cadernos de botânica, fotografias, gravações das leituras e jogos com as escritas automáticas, bem como a própria coleção de programas de deriva, que não deixa de ser um vestígio de tal ação.

Esse material é exposto durante quatro dias em áreas de circulação e convivência do Centro Cultural, criando um momento de apreciação dos vestígios dessas derivas. Assim, enquanto as integrantes do Coletivo se debruçam sobre as materialidades, outras pessoas podem fazer o mesmo, desde o público frequentador do CCSP até o grupo de participantes das Derivas Abertas ou outros artistas interessados na pesquisa. O objetivo é definir elementos de investigação para a criação dos *audiotours*, selecionando e agrupando materiais que têm relação entre si, separando trechos de escritas automáticas, definindo lugares e programas (ou parte deles) que pudessem compor a dramaturgia e a faixa sonora propriamente dita dos *audiotours*. Assim, o Coletivo chegou às quatro ideias-força supracitadas.

O passo seguinte é a criação de um argumento para cada áudio (trechos citados como epígrafe desta seção). A elaboração de um argumento como ponto de partida para a criação de um *audiotour* ou mesmo de uma encenação é outro procedimento emprestado do cinema frequentemente utilizado pelo Dodecafônico. No cinema, o argumento é um resumo detalhado da história de um filme, incluindo os principais acontecimentos, personagens e o desenvolvimento da trama. Ele serve como uma espécie de roteiro resumido que ajuda a entender a estrutura da narrativa antes da produção. No caso específico desses argumentos dodecafônicos, eles apresentam uma espécie de sinopse do futuro *audiotour*, trazendo perguntas norteadoras, descrições dos lugares do CCSP aos quais estariam vinculados ou de

ações que faziam referência àquela ideia-força.

A próxima etapa do Projeto é o desenvolvimento dos *audiotours* propriamente ditos, novamente de forma aberta ao público. O Coletivo abre inscrição para os *Encontros de criação de audiotour*, uma imersão pelo período de um mês, com um encontro por semana. No primeiro dia apresentamos essa modalidade artística e os quatro elementos de investigação dos *audiotours* que seriam criados para o CCSP. Cada participante, então, pode entrar em contato com o argumento e as materialidades de cada ideia-força e escolher em qual deles gostaria de participar. Assim, foram divididos quatro grupos de trabalho, um para cada *audiotour*, coordenados por uma dupla de integrantes do Coletivo. Cada dupla ficou responsável pela condução dos encontros do seu grupo, bem como pela construção do roteiro final e pela edição do áudio. Após uma exploração do espaço a ser percorrido, revisitando locais e trajetos do CCSP que se relacionavam com seu áudio, cada grupo cria um roteiro geográfico do percurso que estaria conjugado à faixa sonora.

A partir dessa definição, cada integrante refaz o trajeto algumas vezes, colocando seu corpo em contato com o espaço, observando pontos de vista, possíveis ações e procedimentos para o roteiro dramaturgicamente do *audiotour*. Assim, cria-se uma malha de possíveis ações, procedimentos e temas correspondentes a cada roteiro geográfico. Com tudo isso em mãos, as integrantes do Coletivo estruturam um primeiro roteiro narrativo, que é testado e complementado pelo grupo no encontro seguinte. A escrita do roteiro é um trabalho de montagem e alinhavo que leva em consideração o espaço e caminhos a serem percorridos, as ações e procedimentos previamente pensados, as escritas automáticas pré-selecionadas e outras pesquisas específicas realizadas para cada *audiotour*. Da mesma forma, na edição, estabelece-se o ritmo e atmosfera do áudio e aproveita-se materiais sonoros das derivas. As escritas automáticas têm um papel fundamental nesse processo, pois configuram-se como ignição para o roteiro, outras vezes como inserções poéticas no áudio ou ainda como textura sonora no momento da edição.

Com o roteiro fechado, as gravações dos áudios são realizadas na rádio do CCSP e novamente as integrantes do Dodecafônico ficam responsáveis pela edição das vozes, bem como pela mixagem com músicas e sonoridades. O processo resulta em quatro *audiotours* que têm duração de trinta minutos a uma hora, que conduzem o público a experimentar os espaços do Centro Cultural a partir de diferentes matizes, propondo uma relação contextual com todos os elementos que compõem o CCSP. Em todos os áudios há uma ativação corporal ou sensorial no início, que dialoga com as provocações que o áudio vai propor ao longo da narrativa.

Ao posicionar o seu pé no primeiro degrau, procure empurrá-lo como um todo no chão, apoiando-os firmemente dos metatarsos ao calcanhar. Observe também como seu peso se transfere de um pé para o outro. Se você realizar esse movimento lentamente perceberá como seu corpo se organiza: dos pés, passando pelas pernas, quadris e coluna vertebral. Deixe seus braços soltos para perceber os movimentos de torção da coluna. (...) Ao chegar no jardim, respire fundo. (Trecho do *audiotour* Paisagem-passage)

O *audiotour* Paisagem-Passagem, por exemplo, propõe ao público percorrer o CCSP observando “a sua forma parque, seu formato lúdico”, iniciando com um convite para subir a escada em caracol que leva ao jardim suspenso. Assim, como um prólogo ao restante do áudio que propõe caminhadas e paradas para contemplação, abre um canal de percepção corporal em relação a um elemento bastante marcante do espaço - a escada vermelha em caracol - e a uma ação cotidiana - o ato de subir um degrau ou dar um passo. Da mesma forma, o *audiotour* Limites - entre o sensível e o político, que se inicia do lado de fora do CCSP, próximo de uma de suas entradas, chama a atenção para a oposição e o fluxo entre o dentro e o fora, primeiro convidando a uma reflexão sobre a rua, salientando os sons do ambiente gravados durante as derivas e depois chamando a atenção para o piso tátil que justamente conduz o caminhante com deficiência visual da calçada, desde a estação de metrô, até as entradas e saídas do Centro Cultural.

Você se sente bem aqui do lado de fora? (...) A rua costuma ser um ambiente familiar e conhecido pra você ou é apenas passagem mesmo? Olhe bem pra ela agora, a via de carros, os dois lados das calçadas, as pessoas que passam a pé ou nos automóveis, as construções, o chão. (...) Você sabe o que é o piso tátil? São faixas em alto-relevo fixadas no chão para auxiliar a locomoção de pessoas com deficiência visual. O fato é que essas faixas acabam ajudando e atraindo a caminhada de muita gente, e vão além da sua função principal (...) e hoje, você também, vai sentir-se ligado a elas. Identifique o piso tátil nessa calçada e coloque seus pés sobre ele. Sinta os pequenos reajustes que possam acontecer no seu esqueleto e musculatura a partir desse apoio. (Trecho do *audiotour* Limites)

Em seguida, o áudio convida para entrar, mas pede que as pessoas se coloquem no limiar da porta e traz novamente o elemento som do ambiente. Anteriormente esse elemento foi inserido no processo de edição, ressaltando os ruídos dos automóveis, de animais, de pessoas circulando etc. Neste momento, torna-se texto-textura, com trechos da leitura de uma das derivas que investigou as sonoridades do CCSP¹⁰.

Derivando pelo CCSP, algumas pessoas, em um outro dia, descreveram o que podiam ouvir bem nessa fronteira em que você se encontra agora. Como a sua audição está temporariamente afastada da realidade que te cerca, e fortemente vinculada a nós, vamos te levar a escutar o que já foi ouvido e registrado neste mesmo local. (Trecho do *audiotour* Limites)

A locução também passou a ser objeto de pesquisa do Coletivo dada sua importância na criação de vínculo com quem experimenta os *audiotours*. No caso dos áudios do CCSP, todos são compostos por muitas vozes, das diferentes pessoas que participaram do processo, tanto nas Derivas Abertas quanto nos encontros de criação de *audiotour*. Alguns áudios têm um narrador único, outros, uma dupla de narradores, que acaba criando uma relação íntima com quem escuta. Outros ainda têm uma narração em grupo, como se muitas pessoas nos levassem a caminhar. Em todos, vozes incidentais aparecem trazendo textos poéticos, que podem estar com efeitos de edição para criar uma

¹⁰ Todos os áudios estão disponíveis no site do Coletivo Teatro Dodecafônico: <https://coletivoteatrododecafonico.com/deslocamentosonoros.html>.

diferenciação entre quem conduz a narrativa e quem dá as instruções.

Ao longo do percurso, há dados históricos sobre o Centro Cultural e citação a materiais dos acervos, ao mesmo tempo, há exercício de imaginação e fabulação, jogos corporais e propostas coreográficas. No *audiotour Biblioteca para caminhar*, por exemplo, logo após uma dessas vozes incidentais comentar sobre "todas essas bundas sentadas enquanto pensam" - frase lida de uma escrita automática, a narrativa passa a uma reflexão sobre os corpos que utilizam uma biblioteca. Esse exercício de observação será resgatado ao longo do áudio, propondo um jogo ou uma "coreografia para os que estudam":

Rimbaud chamava os frequentadores das bibliotecas de "os sentados". Geralmente não se caminha em uma biblioteca, é um espaço para corpos sentados, que se levantam para pegar um livro ou ir ao banheiro. Como espaço fechado, confinado, essa biblioteca apresenta outros encantos. Observe as linhas de sua arquitetura. Quais os recortes por onde os corpos podem ser vistos? E esses corpos sentados são vistos em sua inteireza ou é possível visualizar apenas algumas de suas partes? (...)

Há algum lugar vazio? Encontre um lugar para se sentar. Observe os corpos ou partes dos corpos das pessoas à sua volta. O movimento da cabeça de alguém ou dos seus braços. Tente reproduzir o desenho que ela faz. Brinque com este movimento, repetindo-o algumas vezes. Aumente ou diminua sua amplitude. Observe o movimento do pé de alguém, você consegue ver algum? Está fazendo algum movimento? Ou a posição desse pé te estimula a mover o seu pé ou perna? Experimente! Junte com o movimento da parte de cima do corpo que você já estava fazendo. Componha uma pequena dança e aproveite. (Trecho do *audiotour Biblioteca para caminhar*)

No *audiotour Arquitetura Feminista* o público também inicia o percurso fora do CCSP observando sua arquitetura e a relação do prédio com o território da cidade. São apresentados dados históricos sobre a construção do Centro Cultural e a partir daí são propostas algumas fabulações acerca das escolhas arquitetônicas, urbanísticas e dos modos de uso e gestão do centro cultural.

Até onde você consegue ver o prédio do CCSP? (...) Ele ocupa um pedaço de terra que sobrou. Uma nesga de terra estreita, comprida e desbarrancada que sobreviveu apesar de sua condição de margem. Margem literal e metafóricamente. A porção de terra onde o centro cultural foi construído era a margem do córrego Itororó. Ele passava lá embaixo, do outro lado, onde hoje é a avenida 23 de maio. Depois da canalização do rio, a prefeitura imaginou transformar o local em um bairro novo, planejado, destinado a prédios de negócios. (som forte de obra) E se hoje existissem aqui 3 torres de prédios de negócios? Faça esse exercício de imaginação por alguns instantes. Feche os olhos, se isso te ajudar. Imagine se no lugar do logo vermelho estivesse escrito: Bem-vinda à Nova Vergueiro. Como seria a entrada? Quais materiais e cores iriam compor essa outra construção? Haveria pessoas? O que elas estariam fazendo? O que você teria vontade de fazer? Abra os olhos. (suspiro de alívio) As torres não estão aí. O que será que aconteceu para os prédios não subirem? Ao contrário, deram espaço para a criação de um centro cultural. (Trecho do *audiotour Arquitetura Feminista*)

Os audiotours do CCSP, de modo geral, são criados para serem experimentados em grupo. Por dois meses saídas semanais são organizadas para experimentação dos áudios, que depois passam a ser realizadas de forma pontual. Todas as peças sonoras operam camadas distintas de significação, aliando informação sobre os espaços, diálogos com obras do acervo de diferentes épocas, experiências corporais e jogo entre os participantes. Em função disso, durante o período em que a gestão que

acompanha sua criação perdura no espaço, essas peças sonoras são incorporadas como material de mediação por parte do educativo do Centro Cultural. O percurso de construção reafirma a vocação do Coletivo em criar processos de criação mesclados a processos de ação formativa, aberta e coletiva. Nesse caso, agregou a ideia de mediação cultural, que depois resgatamos na criação de outro trabalho sonoro *Mover-se: 7 peças para deslocar-se de dentro para fora*¹¹ para a Bienal Sesc de Dança, em 2021.

Da mesma forma, este percurso de desenvolvimentos dos *audiotours* do CCSP evidenciou o percurso metodológico da criação do Dodecafônico, que parte de experiências no espaço organizadas por programas de ação, passa por um processo de definição dramática a partir dos registros do processo - escritas automáticas, criações plásticas, visuais e sonoras e conjunto de programas - e de um roteiro geográfico, até chegar na criação do roteiro narrativo, gravação e edição. Esta metodologia passou a ser compartilhada em momentos de oficinas, que iremos aprofundar na próxima seção do texto.

Compartilhar modos de fazer como forma de investigação

Ao longo do seu percurso investigativo, o Coletivo Teatro Dodecafônico compartilha seus processos de criação em diferentes situações, aproximando-se definitivamente dos contextos educacionais formais ou informais. Além de sua constituição como coletivo artístico, o Dodecafônico se configura também como um coletivo de professoras, que atuam em universidades e cursos livres em diferentes cidades do Brasil. Dessa forma, nossa sala de ensaio, que muitas vezes está dispersa em múltiplos espaços urbanos, se constitui como sala de aula e nossas salas de aula são igualmente ambientes de investigação artística, sem muito discernimento entre onde uma começa e a outra termina. Não raramente nossos processos de criação são entremeados de oficinas nas quais compartilhamos nossos procedimentos de criação e formas de pensar as artes cênicas, sendo que muitas etapas de nossa pesquisa acontecem de modo compartilhado, aberto, no ato mesmo da convivência entre as artistas do coletivo, artistas convidadas ou externas ao Coletivo, e pessoas que desejam experimentar ou se aproximar de composições artísticas contemporâneas.

¹¹ Realizado em contexto de abertura parcial durante a pandemia de COVID 19, o projeto *Mover-se: 7 peças para deslocar-se de dentro para fora* surgiu a partir de uma proposta da Bienal Sesc de Dança para o Coletivo. Como nesse ano as ações da Bienal seriam majoritariamente realizadas online, eles encomendaram peças sonoras que convidassem o público a mover o corpo, mesmo que no espaço doméstico, e fizessem referência às obras que seriam apresentadas naquele ano. Assim foram criadas quatro peças sonoras, em formato de *audiotours* e três programas de ação escritos, em formato de cards para redes sociais. Os áudios podem ser escutados em: <https://sesc.digital/colecao/mover-se>. Esta proposta veio na esteira de outro projeto realizado pelo Dodecafônico em 2020 na pandemia, o álbum sonoro *Deslocamentos Mínimos*. Como um álbum musical, foram criadas 11 faixas que convidam a vivenciar os deslocamentos mínimos possíveis no ambiente da casa e seu entorno. Trata-se de uma proposição relacional, de imersão e reinvenção de ações concretas e singelas em tempos de crise. O álbum está disponível em: <https://coletivoteatrododecafonico.com/deslocamin.html>.

É nesse ir e vir entre a sala de aula e a suposta sala de ensaio (a rua, os lugares de trânsito, as praças e os espaços públicos) que nossa investigação se instala e é disseminada. Talvez esse seja também um modo de questionar os estatutos da cena, de indagar a real importância da autoria e de aproximar a figura do espectador da figura do artista, sem muita diferenciação entre suas potencialidades criativas.

A exemplo do que ocorreu nos *Deslocamentos Sonoros*, em 2021, em meio à pandemia de Covid-19, o coletivo oferece uma oficina pelo Itaú Cultural, dentro do projeto de *A_Ponte: cena do teatro universitário*. Seguindo a mesma estrutura da metodologia desenvolvida no CCSP, o Coletivo propõe que as pessoas participantes, localizadas em diferentes geografias brasileiras, experimentem derivas dentro ou nos entornos de suas casas, realizem escritas automáticas, para que, na sequência, elaborem dois roteiros (um textual e outro geográfico). A essa estrutura se agrega outro procedimento de trabalho comum em nossas oficinas e residências: o compartilhamento e análise de referências artísticas com as quais o Dodecafônico já tem contato, visando a contextualização do grupo de participantes. Desse modo, cada encontro é composto por quatro momentos: o primeiro deles dedicado à fruição dessas referências e introdução de noções como o programa performativo, *audiotour* contextual e ficcional; o segundo, à experimentação de um programa performativo de deriva, seguido de escrita; o terceiro, à elaboração dos dois roteiros e à gravação da faixa sonora propriamente dita; no quarto e último momento, as pessoas participantes enviam sua gravação daquele dia para outra pessoa da oficina experimentar.

Essa forma de composição mútua define, por um lado, por onde cada pessoa caminha (tendo como ponto de partida a sua própria casa) e, por outro, o que cada espectador ouve, o que ele é convidado a fazer ou que reflexões acompanha. Como a oficina é realizada online, cada pessoa participa a partir de seu próprio endereço e os áudios criados não contam com edição ou superposição de outras materialidades sonoras. Todo o processo de composição das faixas sonoras se dá da forma mais simplificada possível. Mesmo a inserção de trilhas sonoras acontece de modo rudimentar, com a gravação de voz e de alguma sonoridade ou música sendo realizada simultaneamente, através do uso de um segundo dispositivo sonoro. Assim é que pequenos experimentos de *audiotours* são criados a cada dia da oficina em diferentes cidades do país, colocando em evidência sua grande potencialidade estética a partir do uso de recursos técnicos mínimos.

Os mesmos princípios orientam a composição de pequenos *audiotours* realizados no SESC Pompeia e seus arredores, na ocasião do processo de criação da peça *Eu amo Chris - uma pequena coleção de fracassos* (que estreia neste mesmo SESC no ano seguinte). Mais uma vez, o Dodecafônico abre as portas de sua sala de ensaio para receber pessoas desconhecidas ou não, admitidas sem

processo de seleção para participar de três oficinas¹² que se configuram como parte efetiva do processo de criação em curso. Nesse sentido, todos os materiais produzidos nessas oficinas poderiam ser inseridos em alguma dimensão da encenação, com o devido consentimento das pessoas participantes. Não que os materiais seriam deslocados diretamente de um contexto para o outro, sem filtros; mas tais materiais produzidos nas oficinas, para o Dodecafônico, têm o mesmo peso, a mesma potência criativa que qualquer outro levantado em ensaio realizado pelas artistas do coletivo, sem distinção de níveis de relevância.

Para esses encontros no SESC Pompeia, realizamos o compartilhamento de uma série de *audiotours* de artistas de diferentes procedências, incluindo peças compostas pelo Dodecafônico, apresentamos conceitualmente como compreendemos essa modalidade artística e analisamos suas possibilidades de criação, do mais contextual ao mais ficcional. Nesse contexto, nosso interesse se volta para o campo ficcional em diálogo com as materialidades que escolhemos para a composição da peça em questão. Por esse motivo, uma das categorias de *audiotour* apresentada na oficina dizia respeito à fuga. A proposta para as pessoas participantes, portanto, se volta para a investigação e composição de peças sonoras que convidassem o público a seguir uma pessoa. Aqui aparece um dado novo, que ainda não havia sido suficientemente explorado pelo coletivo, a presença de um performer durante a experiência de fruição da peça sonora.

Esta não é a primeira vez que o coletivo experimenta a convivência de um áudio com a presença ao vivo de corpos em performance. Em 2014, quando Paulina Caon realizava parte de seu doutorado na Argentina, ela criou o *audiotour Preguntando caminos al cuerpo*, que foi compartilhado com pesquisadores da Universidad de Buenos Aires. Enquanto o público se deslocava ouvindo a faixa sonora, performers do Dodecafônico ocupavam a cidade, criando camadas de significação sobrepostas entre o que se ouvia e o que era possível de ser observado das performers em ação e das teatralidades presentes no próprio cenário da cidade. Há algo muito potente nessa composição, que se vale da ação do acaso e que é desvelada na medida em que engajamos nosso olhar em outra forma de atenção, como quem se coloca em um exercício de leitura dos fatos ordinários da vida cotidiana. Quando essas criações colocam performances sendo realizadas ao mesmo tempo em que se ouve um áudio, aquelas diversas camadas de significação são acionadas, dando ao espectador a tarefa de relacioná-las e de definir uma equação muito particular na combinação de suas leituras, das referências expostas e do que o acaso pode prover diante seus olhos, de modo efêmero e irrepitível.

Uma experiência de *audiotour* dentro de uma encenação performativa - um

¹² Além da oficina de *Audiotour*, realiza-se uma oficina de Dramaturgia e outra de Fotoperformance, na qual corpos inertes são experimentados em diferentes recortes arquitetônicos do SESC para composição de fotografias que integram o acervo visual da encenação em suas apresentações futuras.

convite para que as mulheres tenham coragem de seguir em frente

Em *Eu Amo Chris – uma pequena coleção de fracassos*, o Coletivo Teatro Dodecafônico propõe uma reação ao livro *Eu Amo Dick*, de Chris Kraus (1997). Para nós, reagir a uma obra significa responder a ela, deixar-se inspirar ou atravessar-se pela obra de outra artista, somando novas camadas à referência original. Reagir se configura como uma conversa com a artista de referência, como se prolongássemos a criação de Chris Kraus com a composição da encenação. Ao contrário do que acontecia em *¡SALTA!*, que se iniciava com *audiotours*, nesta peça, a primeira parte acontece dentro do espaço cênico e a segunda, a partir de uma experiência de caminhada, na qual os espectadores se dividem em quatro grupos para seguir uma das atrizes que vivem o papel de Chris K (pseudônimo que remete à autora do livro). O convite que se faz ao público, na última cena que acontece dentro do teatro remete à afirmação de bell hooks, segundo a qual “a busca pelo amor continua”.

Ao adentrar o teatro, a espectadora (propositadamente colocada no feminino) é convidada a visitar uma coleção de fracassos disposta em cena, percorrendo o palco e lendo as etiquetas referentes a muitos objetos expostos como se juntos compusessem um museu dos relacionamentos amorosos¹³, os restos de histórias de amor que não vingaram ou que ao contrário do que nos disseram, não duraram para sempre. Essas espectadoras também encontram no palco as quatro atrizes, compartilhando narrativas fracassadas sobre os percursos de vida dessa Chris que cada uma interpreta. São narrativas que vêm de diversos lugares, acontecimentos embaralhados da vida de mulheres que passaram pelo processo e poderiam ser de qualquer uma de nós. Junto com esses objetos, encontra-se um corpo masculino vivo, porém objetificado, igualmente etiquetado, como se seu corpo tivesse sido empalhado na forma de uma mesa e guardado como um troféu, de bunda de fora. Um pouco de ironia para se contrapor a tantas narrativas de perdas, *ghostings*, *gaslightinhs* e desencontros.

Ao longo da peça, mais exemplos de fracassos são apresentados, dos fracassos profissionais, da dificuldade de se fazer ser vista ou ouvida, das tentativas de praticar sexo casual sendo uma mulher e mesmo dos desafios de se realizar uma transição de gênero, quando se torna um homem trans. Tudo isso tendo como pano de fundo uma afirmação de Chris Kraus, segundo a qual quando se nasce mulher, fracassar é uma condição. Talvez por isso, por um tanto de solidariedade às mulheres espectadoras e como forma de apresentar pistas para nossa sobrevivência e não investir em uma terra arrasada e totalmente inóspita para corpos femininos, optamos por propor quatro *audiotours* como forma de respiro na reta final da encenação. Cada um dos áudios convida parte do público a seguir uma das atrizes, que de modo poético e irreverente, o conduz por caminhos que levam até um carro na qual todas entram e partem em fuga, se não livres, capazes de escrever de algum modo seus destinos.

¹³ Tal cena foi inspirada na história do *Museum of Broken Relationships*, localizado na cidade de Zagreb, na Croácia. Para visitar o site do museu: <https://brokenships.com/visit>.

Nossa intenção com essa forma *audiotour* é engajar o corpo, reforçar a dimensão de *art motion* (Moser in Féral e Perrot, 2013) e apresentar pistas para que as mulheres ali presentes percebam que há caminhos possíveis, que em última instância, nossas pernas nos levam para onde quisermos ou até onde nos permitimos ir. Cada áudio convida uma parcela do público a seguir por um percurso, seja dançando nas faixas de pedestres e tomando uma cerveja, seja lembrando da força de permanecermos vivas, seguindo em frente e nos dando as mãos, seja observando as pequenas belezas do cotidiano ou negociando com as memórias do passado. Essa escrita cênica em deslocamento e combustão, pode servir como tempo necessário para decantar os fracassos apresentados dentro da sala ou como um respiro para essa condição tristemente encarnada por todas nós. Caminhar pela cidade se configura como um processo de retomada de próprio corpo, ritmado pela faixa de áudio que nos conduz e nos convida a vislumbrar possibilidades e a experimentar - nem que seja pelo ato de rebeldia desses corpos femininos outros - a sensação de liberdade ao presenciá-las se permitindo um ato de fuga. A trilha sonora que escapa do carro pertence à não menos subversiva Patti Smith, cuja voz anuncia que a noite pertence aos amantes, à luxúria e à cada uma de nós.

Um respiro, uma pausa, antes de retomar o caminho

Ao nos propormos à escrita desse texto, observamos que há mais de dez anos o Coletivo Teatro Dodecafônico investiga a criação de *audiotours* e realiza o compartilhamento desses modos de fazer. Diferentes experimentações individuais ou coletivas que não foram tratadas nesse texto foram realizadas ao longo dessa trajetória do Coletivo, incluindo, apenas como ilustração, a composição de faixa sonora a ser executada por meio de aparelhos de rádio (portanto, sem fones de ouvido) em duas ocasiões em que integrantes do Coletivo participaram de residências artísticas no Festival Tsonami - Arte Sonora, em Valparaíso, no Chile. Tal experiência ainda mereceria maior análise e compartilhamento de nossa parte, mas, para o momento, reafirmamos as potencialidades estéticas da forma artística do *audiotour*, com todas as variações já experimentadas ou ainda impensadas para ele, que não se esgota nesse texto, nem em nossa trajetória.

Da mesma maneira, observamos que a investigação criativa dos *audiotours* e sua análise no contexto brasileiro encontra-se ainda em consolidação, tendo sido pouco discutida no Brasil. Nesse sentido, parece importante sublinhar a importância da organização do dossiê no qual nosso texto se insere, como espaço de compartilhamento entre artistas pesquisadoras do campo, e, desejamos, como semente para o florescimento e expansão desse campo artístico.

REFERÊNCIAS

- CAON, Paulina & ARAÚJO, Getúlio Góis. Caminhar, desacelerar – uma experiência com *audiotour* e fotoperformance na escola. **Urdimento**. Florianópolis, vol.1, n.34, p.224-235, 2019.
- CARDIFF, Janet; SCHAUB, Mirjam. **Janet Cardiff**: the walk book. New York: Public Art Found, 2005.
- FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: Corpo-em-experiência**, Revista do LUME: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. São Paulo: 2013.
- FÉRAL, Josette; PERROT, Edwige (Org.). **Le réel à l'épreuve des technologies**: Les arts de la scène et les arts médiatiques. Rennes: Presses Universitaires de Rennes; Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013.
- GONON, Anne. **Tout ouïe**: la création musicale et sonore en espace public. Montpellier: Éditions l'Entretemps, 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes** - Salvador : EDUFBA, 2012.
- KAPELUSZ, Anyssa. Quitter la communauté? L'écoute au casque dans les dispositifs théâtraux contemporains. **Théâtre Public** – Penser le spectateur, Montreuil, p. 124-128, avril/juin 2013.
- NAVARRO, Renato Martins. [CE]NA ESCUTA[DA]: Poéticas e aspectos políticos do uso de fones de ouvido na cena contemporânea. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- O'ROURKE, Karen. **Walking and mapping**: artists as cartographers. London: The MIT Press, 2013.
- VELOSO, Verônica. **Jogos do Olhar** – procedimentos cinematográficos para a composição da cena teatral. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- VELOSO, Verônica. **Percorrer a Cidade a Pé** - ações teatrais e performativas no contexto urbano. Curitiba: Appris, 2021.